

DESEMPREGO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

pelo Adm. Antonio Carlos de Souza – Prof. Dr. Em Ciências Empresariais. Ex-Presidente e hoje, atual Diretor Administrativo e Financeiro do CRA-SC. Vice-Reitor da UNOESC. Vice-Presidente da FUNOESC.

Resumo

Este artigo tem como base, a apresentação sobre a relação próxima entre o desemprego e a responsabilidade social, dentro de uma ótica analítica que trata das novas formas de emprego, traz um diagnóstico geral do desemprego no mundo, os impactos tecnológicos na substituição dos empregos, além das tendências e consequências das taxas de desemprego. Conclui, abordando as medidas preventivas diante da realidade mundial e o impacto no país.

Palavras-Chaves: Desemprego. Sociedade. Economia. Carreira. Profissão.

1 INTRODUÇÃO

O grande desafio de qualquer economia e do governo de um país, é manter o nível de emprego dentro de indicadores mínimos, pois emprego e renda são os sustentáculos do mercado consumidor, além da dignidade humana que o emprego condiciona, a renda promove o desenvolvimento econômico do país. As novas formas de trabalho, juntamente com a responsabilidade social dos governos e empresários, no sentido de promover a ampliação do número de postos de trabalhos e por sua vez, os índices de empregabilidade, fazem parte deste desafio constante, as novas formas de emprego, a situação do emprego mundial com as novas tecnologias trazem novos caminhos e novas tendências para o equilíbrio social e a redução das

taxas de desempregados. Ano a ano, novos trabalhadores acessam, ou tentam, acessar o mercado de trabalho, buscando assim sua profissionalização e uma carreira. Tendências e consequências com relação ao cenário do país e do mundo estão em constante evolução, provocando a projeção de diversos cenários, assim sendo, medidas preventivas devem ser tomadas pelos agentes envolvidos na geração de empregos e o impacto no desenvolvimento social em cada nação.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DESEMPREGO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

A economia é movimentada pela produção e pelo consumo dos bens industrializados. A acumulação de capital e o uso intensivo de recursos naturais sem o reaproveitamento (reciclagem) estão sendo questionados.

A rapidez do advento de novas tecnologias e a introdução de novos equipamentos tanto na indústria, como na agricultura ou nos setores de serviços (bancos) vêm afetando drasticamente os níveis de emprego. O que antes era uma bandeira política (alta tecnologia, automação industrial) virou o pesadelo do desemprego.

O desemprego já preocupa a humanidade tanto quanto a fome, a superpopulação, as doenças endêmicas e o uso de recursos não renováveis.

Os índices já são alarmantes. Na Europa existem perto de 20 milhões de desempregados, só na Espanha, e onde existe a maior taxa de desemprego, já atinge 23%. Ou seja, a cada quatro trabalhadores quase um está desempregado. Nos Estados Unidos na década de 50 do século XX, eram 33% de trabalhadores na indústria, hoje são menos de 17% e a previsão para este milênio será de menos de 2%. Isso quer dizer que em cinco décadas houve uma redução de três vezes a capacidade de empregos na maior potência econômica mundial.

Questões estão se levantando em todo o mundo sobre o desemprego, tais como:

- Quem paga a conta do desemprego?

- O dinheiro é a única forma de remuneração para o trabalho?
- O conceito de emprego e ocupação econômica podem ser complementados ou até modificados?

Realmente essas transformações pode-se dizer que são uma nova Revolução Pós-Industrial impactando milhões de vidas no mundo inteiro e alterando suas expectativas. Alguns acreditam nas soluções dos políticos e intelectuais, mas será que eles isoladamente terão condições de resolver esse dilema?

2.2 JOBLESS GROWTH E AS NOVAS FORMAS DE EMPREGO

A expressão *jobless growth*, cunhada pela ONU, expõe a consequência mundial da globalização, da alta tecnologia e da livre concorrência que é o aumento do desemprego.

As rápidas mudanças tecnológicas e o crescimento da competição internacional associadas às taxas de crescimento da economia mundial nos estão levando a esse sério problema. A "mundialização" que é o processo de integração das economias e a velocidade das mudanças tecnológicas têm afetado os níveis de emprego no Brasil e no mundo.

2.3 A SITUAÇÃO MUNDIAL DO DESEMPREGO

Três fenômenos caracterizam o processo de mundialização ou globalização da economia:

- O crescimento rápido do comércio mundial, a liberação em geral e os acordos regionais (mercados comuns);
- O aumento de investimento das multinacionais fora de seu país de origem procurando facilidades estruturais, fiscais e de mão de obra barata;
- Aumento de fluxos de capitais por meio de mercados financeiros globalizados.

De fato, o pleno emprego ou nível de desemprego zero, inspirada pelo intelectual Keynes, nunca chegou a se concretizar e alguns de seus seguidores falam numa taxa de 3% de desemprego, como admissível. Esse

índice esteve satisfeito na década de 1970, quando o nível de desemprego oscilava entre 2% e 3%.

O crescimento do desemprego a partir daquela década criou o mito dos fantasmas "desemprego tecnológico" e o "crescimento sem emprego", confirmado em pesquisa recente, que para cada aumento de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, o nível de emprego cresce somente entre 0,2% e 0,3%.

Na Europa é onde se vem sentindo mais a partir da década de 1970, os baixos crescimentos econômicos e as elevadas taxas de desemprego.

Muitas teorias se têm criado para explicar os altos níveis de desemprego, além de que foi dito até aqui (alta tecnologia, globalização, aumento de competitividade) e são aceitas praticamente por todos os economistas, mas há algumas correntes que vão além das causas acima. Para estes, os países mais voltados à exportação e até as desigualdades nos rendimentos dos trabalhadores, também fazem parte das causas, mas isso na prática não se comprova, sendo que essas teses podem ser explicadas para alguns determinados países ou regiões, mas não servem como regra geral.

2.4 A TECNOLOGIA SUBSTITUINDO EMPREGOS

A Revolução Pós-Industrial, que segundo alguns já iniciou após a 2ª Guerra, trouxe a renovação tecnológica que é a grande responsável por todos os males da economia mundial; entre eles o maior é o desemprego. Marx, já previa que os produtores procuram continuamente reduzir os custos com a mão de obra (capital vivo), para também obterem maiores controles sobre a produção, prognosticando ainda, que a automação acabaria por eliminar totalmente o trabalhador, o que ele chamou de a "derradeira metamorfose do trabalho". Isso, segundo ele, seria derradeiro para os capitalistas, porque não teriam a quem vender seus produtos, o que, sem dúvida, seria um caos total na economia.

Segundo estudos do economista francês Olivier Banch, essa tendência de desemprego tecnológico desapareceria entre cinco e dez anos. Diz isso

baseado numa pesquisa que recuou cem anos abrangendo os Estados Unidos e Europa, por ocasião da Revolução Industrial (THE ECONOMIST, 2002).

Economistas liberais acham que a mudança tecnológica, aumentando a produtividade é boa, independente de aparecerem os seus disfarces, o desemprego recorde e suas consequências.

Pelo lado oposto, existe a teoria de Rifkin, apelidado de "neoludita", inimigo da biotecnologia e desconfiado dos computadores. Recebeu este título em alusão aos chamados neoludistas, que no início do Século XIX, destruíam máquinas e fábricas num desespero ingênuo contra o progresso e suas consequências.

Mas como toda crise tem seu lado positivo, em meados da década de 1950 e início da década de 1980, o setor de serviços por sua vez cresceu rapidamente, reempregando muitos trabalhadores demitidos pela automação.

Atualmente, o único setor no horizonte é o do conhecimento criando os novos profissionais chamados de "analistas simbólicos", que vêm das áreas da ciência, engenharia, administração, consultoria, ensino, marketing, mídia e entretenimento, e embora as vagas abertas a esses profissionais sejam pequenas, poderão no futuro ser uma saída para a crise de empregos.

2.5 OS PODERES DAS ORGANIZAÇÕES GLOBAIS

Os governos estão até certo ponto incapacitados de reagir contra esta nova onda e em muitos casos a frustração pública está se transformando em raiva.

A globalização está gradativamente afastando o poder do Estado, tudo em consequência da exigência de lucros financeiros em curto prazo.

Segundo Dowbor, as empresas transacionais estão navegando no espaço global sem sofrerem as limitações jurídicas e políticas dos estados nacionais. Há certa tendência de se considerarem essas grandes corporações como "apátridas", sem bases nacionais.

Ainda sob Dowbor, o poder extremamente vasto destas corporações poderão articular com peso as decisões econômicas, políticas e até militares do Primeiro Mundo, deixando os componentes do Terceiro Mundo como menos espectadores, tentando sempre - em atraso - adaptar-se às transformações do capitalismo dominante.

Com as teorias de Dowbor, se levanta a questão: "Quem manda nas multinacionais?"

Em uma análise profunda, segundo Dupas, ao lado do processo de reengenharia e reestruturação, concentração do número de empresas por setor, altos investimentos em tecnologia para baixar preços e melhorar qualidade, viabilização de grandes lucros das grandes corporações americanas, 3 milhões (22%) dos trabalhadores das cem maiores empresas daquele país foram demitidos desde 1978.

2.6 CAMINHOS E TENDÊNCIAS

Em curto prazo não se vê a luz no fim do túnel. Propostas como, necessidade de criação de emprego para serem alcançadas ao menos em parte vão depender muito de políticas pertinentes de governo e participação de toda a sociedade internacional.

Dentro de uma linha mais pragmática de manutenção e geração de empregos, seria através da reengenharia da jornada de trabalho e de alta tecnologia que requerem menos horas de trabalho.

Segundo Bridges, dentro de uns dez anos, mergulharemos definitivamente na era dos trabalhadores temporários, dos subcontratados, do trabalho just in time - fluída, flexível e descartável.

Ainda sobre essa teoria, as pessoas terão que navegar por conta própria e a atividade mais constante será a venda de ideias. As empresas deixarão de contratar profissionais para contratar soluções. Conforme Bridges quem tiver boas soluções terá bastante trabalho.

O emprego fixo será substituído para trabalho com prazo determinado, por projeto, por tarefa, com jornadas flexíveis, horários livres etc.

Para demonstrar essa tendência nos Estados Unidos, hoje 80% dos que trabalham são em tempo integral, e 20% em tempo parcial. Na década de 70 eram 92% e 8% respectivamente. Como prova disso, a empresa que mais contrata hoje naquele país, a Manpower, que opera com trabalho temporário, tem um quadro de 560 mil trabalhadores.

Uma consequência bastante séria e ameaçadora da crise do emprego é o crescimento das atividades de corrupção e do crime organizado, e os produtos dessas atividades criminosas são depositados em "paraísos fiscais". Tanto que existem hoje, no mundo, 55 paraísos fiscais, e estima-se que 15% do PNB mundial passa por esses sistemas.

2.7 AS CONSEQUÊNCIAS DO DESEMPREGO NO BRASIL

Na América Latina e particularmente no Brasil, segundo analistas internacionais, é que se está enfrentando a globalização e suas consequências negativas de forma aparentemente passiva, apesar da consciência dessa realidade. Nem os países do Primeiro Mundo têm que tomar medidas urgentes para viabilizar ou pelo menos para conviver mais amavelmente com esta nova realidade, caso contrário, a acumulação de diferenças entre países ricos e pobres será ainda maior.

Segundo a economista brasileira Tânia Bacelar de Araújo, não devemos tomar uma postura submissa sobre a globalização, deixando que o mercado defina todas as regras. Mas o que temos de fazer é tornar a indústria nacional mais competitiva, porque as consequências da globalização, já em 2017, em nosso país era a cifra de 450 mil empregos, elevando a taxa de desempregados de 3,7% para 6,1%, bem acima dos níveis considerados admissíveis para o desemprego.

Embora haja uma divergência e grande na taxa atual de desemprego acima entre DIESE e IBGE, segundo aquele esta taxa é bem maior, mas o que importa é a realidade incontestável, já estamos sentindo na carne os efeitos da globalização.

Como saída houve no país um deslocamento para o setor de serviços e essa atividade tem crescido tanto em participação que já representa

maioria na composição do PIB no Brasil. Outros setores também estão crescendo como as telecomunicações, microeletrônica, intermediação financeira, seguros, transportes e outros, num plano técnico mais elevado. Por outro lado, também, crescem alguns setores de mão de obra menos qualificada, tais como lazer, reparação, vigilância, limpeza etc.

Mas o efeito mais significativo do desemprego no Brasil é o crescimento da atividade informal. Segundo pesquisa realizada pelo IPEA de 1985 a 1995 houve um crescimento de 15,7% para 21% no comércio ambulante. Isso quer dizer que para cada cinco brasileiros em atividade um é camelô, e acredita-se que em 1995 para cá tenha aumentado ainda mais essa proporção e esse fato é facilmente comprovado nas ruas e logradouros públicos de pequenos e principalmente de grandes centros.

Essa tendência parece ser mundial, segundo o professor Frederick Schneider, da Universidade de Linz na Áustria. Em 17 países ricos também aumentou a atividade informal, tanto que já representa um quinto do PIB na Bélgica, Itália e Espanha locais onde os índices de desemprego são maiores. Essa participação informal também é denominada nestes locais de "economia subterrânea". Desenvolvimento - até 20000 caracteres com espaços

3 CONCLUSÃO

O desemprego é realidade indiscutível e o conceito de emprego também está em crise no mundo. As consequências como já vimos são a rota do caos e da informalidade, incluindo-se aqui, atividades ilegais.

O mundo caminha de fato e irreversivelmente para um grande mercado global, com miscigenações políticas, de fronteiras e como está na Europa através de moeda comum (Euro), ocasionando com isso, fatalmente problemas sociais e até de identidade cultural, sendo que essas, sempre que possível, deverão ser respeitadas e conservadas.

O desafio de cada nação será a busca do equilíbrio interno, procurando em alguns casos retardar ou acelerar o processo, para poder definir as políticas adequadas.

O protecionismo interno, como já houve no Brasil e em muitos países poderá em alguns casos ser uma solução paliativa, mas não duradoura.

Com as novas tecnologias de informação e das telecomunicações, vão nos libertar para uma vida de mais lazer, onde nada disso terá valor para quem estiver desempregado, por isso é que se deve encontrar soluções para determinar um ponto de equilíbrio. Sabemos que a preocupação com o desemprego não é coisa nova, mas nunca foram enfrentados índices tão alarmantes.

Apesar dos comentários até aqui serem muito realistas, dando até a impressão de serem pessimistas, surge por outro lado, a outra face da moeda na expectativa de que um mundo "pós-industrial", com uma economia aberta e globalizada que poderá ampliar grandemente as oportunidades de negócios, que seriam bons para todos.

Mas antes disso tem-se que resolver a responsabilidade social do desemprego, que extrapola as competências dos governos e todos os setores da sociedade, instituições, empresas, o próprio governo e a população, mediante um esforço coletivo. Dever-se-á procurar soluções criativas sem interferir no livre mercado e na democratização dos meios de produção.

REFERÊNCIAS

BRIDGES, William; tradução: José Carlos Barbosa dos Santos. Um mundo sem empregos. São Paulo: Makron Boloks, 1995.

DOWBOR, Ladislau. Introdução teórica à crise: salários e lucros na divisão internacional do trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KEYNES, John Maynard; tradução: Mário R. da Cruz. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. São Paulo: Atlas, 1992.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

PENTEADO, Heloisa Dupas. Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

Sobre o(s) autor(es)

* Doutor e Mestre em Administração. É professor e vice-reitor de campus da Unoesc Videira. I